



KUYPER, A. **Mulheres da bíblia**. Trad. Brian Gordon Kibuuka. Londrina: Penkal/Livraria Família Cristã, 2021. ISBN: 978-65-5996-276-1

Rony Petterson Gomes do Vale¹

Viviane Villar Aparecida²

Podemos supor,
uma vez que ela [Maria Madalena] possuía demônios,
que ela era apaixonada e impetuosa por natureza.
(Kuyper, 2021, p. 281)

O excerto acima, retirado da obra **Mulheres da Bíblia**, nos mostra como uma exegese pode, a partir do *archéion*³ bíblico, criar uma ligação entre argumentos, no mínimo, tendenciosa: como sair de um estado (ser/estar possuído por demônios) pode gerar uma suposição sobre a natureza de um ser (motivada pelas paixões da alma e pelo ímpeto)? Coproduzida pela Editora Penkal e pela Livraria Família Cristã, essa obra é, na verdade, uma compilação de textos de Abraham Kuyper⁴, publicados originalmente em

¹ Pós-doutor e PhD em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV), atuando na graduação nas áreas Linguística/Português. É professor credenciado do programa de pós-graduação em Letras da UFV, no qual desenvolve pesquisas sobre o Discurso Humorístico em suas relações interdiscursivas, com especial destaque para a presença das formas plenas e reduzidas do riso na produção dos discursos constituintes, como o científico e o religioso, por exemplo. *E-mail*: ronyvale@ufv.br

² Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Viçosa. Bolsista PIBIC-CNPq (2022-2023). *E-mail*: viviane.villar@ufv.br

³ Para Maingueneau (2006, p.15 – grifos do autor), a noção de *archéion* (“arquivo”) sublinha certos *corpora* compostos por enunciados que compartilham um mesmo posicionamento sócio-histórico e, além disso, são “inseparáveis de uma *memória* e de *instituições* que lhes conferem sua *autoridade* ao mesmo tempo em que se legitima através deles”.

⁴ Conforme Moreira (2020, p. 43-52), Abraham Kuyper (1837-1920) pode ser considerado um dos grandes representantes do neocalvinismo neerlandês, seguindo a ideia de um calvinismo que deveria impulsionar o cristão a se engajar nas questões de todas as esferas do mundo social. Nascido no berço da Igreja Reformada Nacional, desde o ginásio Kuyper voltara seus estudos para o conhecimento de línguas (grego, latim, hebraico, alemão, francês, inglês) e literatura, de modo a seguir os caminhos do pai, Jan Frederick, Reverendo da igreja da cidade universitária de Leiden. Seu ingresso na Universidade de Leiden se deu em 1855, onde cursa Teologia e Literatura. Nessa mesma época, a entrada no meio universitário de novos métodos hermenêuticos (histórico, comparativistas e críticos) desperta o interesse de Kuyper, levando-o a desenvolver um ensaio crítico-comparativo de eclesiologia de João Calvino e João de Lasco (trabalho que lhe renderia prêmio e reconhecimento). Nesse trabalho, já se reconheceriam as linhas do liberalismo teológico que, ainda de acordo com Moreira (2020, p. 48), possibilitaria a Kuyper interpretar “as escrituras com ares mais frescos, longe de uma ortodoxia pretensamente paralisante”. No entanto, por volta da década de 1870, Kuyper, antes um “entusiasta” do liberalismo teológico, agora passa a combatê-lo, mudando de epistemologia e de metodologia de trabalho em prol de sua conversão (compreensão da sua fé e diminuição das dúvidas da sua juventude) ao calvinismo ortodoxo, e em desfavor do liberalismo teológico com o qual, nas suas palavras, ele tentou destruir a representação de Deus da sua infância.

formato de artigos com preocupações educacionais, em periódicos e jornais holandeses no século XIX, que, na sua versão brasileira, apresenta características próprias.

Em primeiro lugar, **Mulheres da Bíblia** assume uma organização básica em duas tópicas: mulheres do Velho *versus* mulheres do Novo testamento. Na estrutura textual, apresenta-se um título (o nome da mulher da Bíblia, como, por exemplo: Eva ou Maria), uma epígrafe (um versículo bíblico) e uma indicação de outras leituras relacionadas à mulher em foco; em seguida, é apresentada uma narrativa que se propõe, ao mesmo tempo, como uma história recontada (em estilo menos sacro) da personagem, um “comentário” bíblico e/ou uma “meditação”; por fim, são inseridas algumas perguntas direcionadoras de discussões para os leitores. Todavia, como se pode perceber várias vezes, a história narrada não mantém como foco a mulher, mas sim outros tópicos como, por exemplo: os casamentos arranjados; as uniões matrimoniais com pessoas fora do povo escolhido; as atitudes dos reis e governantes; as ações de Jeová etc. Nesses casos, a biografia é colocada em segundo plano, ou seja, a mulher é apresentada como pretexto para outra discussão.

Com efeito, qualificada de “uma biografia crítica e elucidativa”, **Mulheres da Bíblia**, de certo modo, carrega traços de uma ética protestante calvinista ortodoxa e de um liberalismo teológico⁵ próprios, assumidos pelo seu autor. Todavia, as informações sobre o autor e seu pensamento, apresentadas na “Introdução”, não garantem o mínimo de entendimento do complexo sistema da ortodoxia cristã calvinista do século XIX. A isso, devemos presumir que, do modo como essa obra foi publicada no Brasil (letras grandes, ilustrações, textos curtos, questionários), o público-alvo não foi idealizado como leitores que se interessam por questões de filosofia ou ortodoxia, mas que querem uma leitura complementar (ou mesmo com fins pedagógicos) aos textos bíblicos. O que justifica o estilo jornalístico adotado pelo autor: escrever sobre fatos do passado numa espécie de crônica dos acontecimentos bíblicos, falando sobre o que não viu e criticando comportamentos à luz de seu tempo (século XIX).

A esse entrecruzamento de contextos sócio-históricos (século XIX e século XXI), soma-se o deslocamento causado pela tradução em português. Este deslocamento pode causar, no leitor brasileiro, uma gama de possibilidades de interpretação (por vezes, perigosas), pois, abalizada na figura do autor (por alguns conhecidos; por outro, nem

⁵ Vide nota 4.

tanto) e nas Escrituras Sagradas, as narrativas e as conclusões delas tiradas assumem a presunção de que estão/são corretas e justas, passando a argumentos em defesa de julgamentos sobre o comportamento da mulher em geral na atualidade brasileira. Isso porque também elas sofrem o estigma de Eva, pois assim disse Deus: “Multiplicarei os sofrimentos do teu parto; darás à luz com dor teus filhos; teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio” (Gênesis, 3, 16). E o “Senhor é soberano e independente ao decidir em que medida **cada mulher que se torna mãe participa da maldição do Paraíso**” (Kuyper, 2021, p. 161 – grifos nossos). O uso do *archéion* bíblico com propósitos diversos não pode ser considerado uma novidade; os pensadores da cristandade aperfeiçoaram essa prática durante a Idade Média:

Na Idade Média se dizem coisas verdadeiras na medida em que estas são sustentadas por uma *auctoritas* precedente a tal ponto de que, caso se suspeite de que a *auctoritas* não sustenta a nova ideia, procede-se à manipulação de seu testemunho, porque a *auctoritas* tem um nariz de cera (Eco, 2013, p. 234).

Nesse passo, apresentar o fato (e verdades) – e nesse caso, o “fato” bíblico – tirado das Escrituras nada mais é do que estabelecer com o seu auditório o acordo necessário como ponto de partida para a argumentação:

Davi notou Bate-Seba quando a viu tomando banho, enquanto ele caminhava no telhado de sua casa. **Devemos supor** que Bate-Seba tenha percebido que estava se banhando em um local onde pudesse ser observada. **Provavelmente** foi na sacada, encontrada na maioria das casas do leste, em vez de no telhado. O ar passa por lá e é um lugar agradável para se estar, principalmente ao entardecer. Bate-Seba **não deveria ter se exposto e, portanto, devemos responsabilizá-la por sua falta de modéstia**. Essas palavras não pretendem de forma alguma desculpar a Davi. Nenhum comentário adicional é necessário sobre esse ponto. (Kuyper, 2021, p. 36 – grifos nossos)

Como podemos notar nesse excerto, a narrativa sobre Bate-Seba, uma mulher casada e por isso proibida para Davi, vem “semeada” de suposições, possibilidades e probabilidades que em muito escapam qualquer exegese “xiita” das Escrituras, para servirem de argumento (quase *ad persona* contra Bate-Seba) a favor de Davi, ou seja, o “escolhido” por/de Deus não pecou deliberadamente, mas foi induzido por uma filha de Eva ao pecado. A história do *paraíso* se repete: o homem peca devido à falta de modéstia

da mulher (mais uma suposição: por culpa de sua beleza) – e mais nada é preciso falar sobre isso. Muito pelo contrário, na tradução brasileira do texto de Abraham Kuyper, segue-se uma seção com “perguntas para discussão”, para que os leitores continuem a discussão onde o autor não deseja (ou não pode) prosseguir: “Em que Bate-Seba foi imprudente? Podemos aplicar isso aos tempos em que vivemos?” (Kuyper, 2021, p. 37, questão 2). Ou seja, o autor lança as bases da **polêmica**⁶; todavia, a narrativa sobre Bate-Seba foi construída baseada não somente na exposição do fato (bíblico), mas também orientada argumentativamente para uma absolvição do comportamento de Davi. E, mais especificamente ligado ao problema da tradução em português, podemos ter mais uma questão lançada: a que “tempos” o autor se refere? Ao século XIX? Ao século XXI?

Diante disso, podemos falar de uma manobra (leia-se: **estratégia**) que, de um lado, possibilitaria minimizar o modelo (como, por exemplo, Maria) em prol de uma planificação de uma dada representação do ser (mulher); e do outro, a maximização do antimodelo para não sobrar dúvidas de sua função, criando, deveras, um efeito maniqueísta no texto: mulheres boas (mas não tão boas assim!) e mulheres más (com todas as evidências!). Logo, as mulheres em **Mulheres da Bíblia** não são simplesmente apresentadas – um rol de nomes e indicações de livros, capítulos e versículos da Bíblia realizariam essa função de modo objetivo, ou tão objetivo quanto possível para uma exegese individual do texto das Escrituras. Para além disso, a versão brasileira dos textos de Abraham Kuyper constrói uma outra narrativa que traz em seu bojo representações favoráveis e desfavoráveis das personagens femininas da Bíblia, de modo que a mulher X ou Y se enquadre num dado grupo (mulheres boas *versus* mulheres más), o que sugere uma planificação do caráter das personagens femininas, marcada, de modo maniqueísta, ou pela retidão ou pela falha – muito difícil para o gênero humano.

Desse modo, as narrativas biográficas em **Mulheres da Bíblia** se assemelham a peças de oratória jurídica (ataque/defesa) e, por vezes, até mesmo peças da oratória epidíctica (elogios/vitupérios). Todavia, na Bíblia, é fato que existem mulheres boas e mulheres más; logo, desnecessário seria haver uma argumentação (cf. Aristóteles, 2007). A questão é acreditar que essas personagens (seres portadores de “bios” no imaginário social) se encontram somente em um desses polos. A conversão de suas ações em somente

⁶ De um modo geral, assumimos como polêmicas “o conjunto de intervenções antagônicas sobre uma dada questão num dado momento” (Amossy, 2017, p. 72).

positivas e negativas em termos de virtude – processo que pode ser percebido tanto nas Escrituras quanto nas reformulações de A. Kuyper – tem o potencial de fazer o pecado (de Eva) recair sobre todas as mulheres, uma vez que ela, a mulher, tem “sua suscetibilidade a Satanás” (Kuyper, 2021, p. 63).

Nesse passo, devemos ressaltar novamente que **Mulheres da Bíblia** é uma obra trazida do século XIX (e da Holanda) para o século XXI. Com efeito, o impacto que essa tradução (em português) pode ter no cenário brasileiro no século XXI é tornar-se um “manual”⁷ (ou “guia” politicamente correto?) com modelos e antimodelos que podem ser sacados como ferramentas de qualificação – comparação/discriminação – das mulheres brasileiras, numa espécie de *Malleus Maleficarum*⁸ tupiniquim⁹.

Referências Bibliográficas

AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.

ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: Rideel, 2007.

BARROS, Valquiria. Demonização do feminino e misoginia a partir do movimento de caça /às bruxas. *Revista Prâksis*, 1, 219–237, 2024. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/3500> Acesso em: 02 jan. 2025.

⁷ Esse efeito de sentido (em termos discursivos) ou mudança de função (em termos de genericidade), advindo de dada leitura de **Mulheres da Bíblia**, de A. Kuyper, reverberam, em si, aspectos da cultura europeia que encontram (ou podem vir a encontrar) ecos na cultura brasileira, no que se refere à mulher em termos de religião. Isso porque o modelo de representação que se nos apresentam faz saltar aos olhos todo um processo de construção discursiva de demonização da mulher no qual esse **ser** é encarado como o próprio mal: uma vez a mulher responsável por toda culpa e pecado da humanidade, resulta daí a misoginia, possibilitada e reproduzida através do discurso. Essas práticas discursivas, de acordo com Barros (2024), têm suas origens na elaboração de manuais religiosos, no fim da Idade Média e início da Idade Moderna, cuja “função era estabelecer a homogeneidade das crenças e dos cultos no contexto do paganismo europeu. Os critérios descritos nos manuais serviam de regra para a conduta cristã e estabeleciam uma relação de compromisso com os costumes cristãos” (Barros, 2024, p. 222). Sendo assim, pode-se dizer que esses manuais ditavam a reprodução de crenças (estereótipos e imaginários) que modelavam a mulher ideal e a mulher subversiva (não só a bruxa, mas também a parteira, a curandeira e aquelas envolvidas em atividades não aceitas pela igreja oficial), disseminando o ódio contra o feminino.

⁸ Esse livro (**Martelo das feitiçeras**, na tradução em português), escrito pelos inquisidores alemães, Heinrich Kramer e Jakob Sprenger, no século XV a pedido do Papa Inocêncio VIII, foi o manual religioso e jurídico para identificação e condenação das bruxas. Teve utilização na Europa cristã até o final do século XVII, como ferramenta na perseguição de hereges, principalmente do sexo feminino.

⁹ N.B.: a questão não é tanto questionar as representações femininas presentes na obra, uma vez que elas são meras reproduções do *archéion*; mas sim, como, a partir dessas, são construídos juízos de valores e direcionamentos argumentativos nos textos de Abraham Kuyper, que, na opinião dos organizadores brasileiros da obra, “podem ajudar as mulheres a compreender como se aproximar de Deus, através de exemplos do Antigo e do Novo Testamento” (Kuyper, 2021, p. 12).



BÍBLIA SAGRADA. 62 ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1988.

ECO, Umberto. A falsificação na Idade Média. In: ECO, Umberto. *Da árvore ao labirinto*. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 213-238.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MOREIRA, Thiago. *Abraham Kuyper e o engajamento cristão nas esferas socioculturais e política*. Tese (doutorado) 202f, PPCIR, UFJF, 2020.